

# RUMO A UMA EDUCAÇÃO MAIS HUMANA

**Maria Sidney B. Gruner**

**Professora do Departamento de Educação da FAFI de União da Vitória, Pr. Pedagoga, Especialista em Orientação Educacional. Mestre em Educação: Ensino e Formação de Professores.**

**RESUMO:** O presente artigo aborda a imagem do Profissional da Educação como um mediador das Relações Humanas, Ética e Valores para a formação do aluno da Educação Superior para que este venha a ser o grande incentivador de uma educação mais humana. Para isso o aluno precisa desenvolver-se biopsicosocialmente para se tornar mais humano e poder realizar-se.

**Palavras-chave:** profissional da educação; ensino; processo educacional; repensar a educação.

## **1.0 INTRODUÇÃO**

A imagem do profissional da educação, no contexto histórico que vivenciamos, nos parece bastante desgastada diante de uma sociedade que evolui vertiginosamente e, conforme PIMENTEL (1993, p.33) “a rapidez e intensidade da mudança e o convívio com estruturas de diferentes épocas que continuam atuando hoje são desafios a serem enfrentados”.

Os acadêmicos que freqüentam cursos de licenciatura e que serão os professores que colocaremos no mercado educacional, serão o resultado do trabalho presente que com eles realizamos. Serão eles os futuros ensinantes das crianças, jovem e adultos e, a formação que recebem hoje, será transmitida por eles amanhã, daí a responsabilidade do ensino superior em prepará-los bem.

## **2.0 A FORMAÇÃO DO EDUCADOR**

Sem sombra de dúvidas, podemos perceber que existe o ensinar da escola e

existe o ensinar do mundo. Parafraseando MORAIS (1986, p.5 e 6), cremos também que o educar e o ensinar são temas de toda sociedade pois os seres humanos se comunicam e, nessa comunicação, se enriquecem mutuamente.

É bom que se comece dizendo que o primeiro grande problema quando se procura compreender o ensinar é o risco de cair-se na armadilha de reduzir o ensino à instrução. Certamente que a instrução é um componente do ensino, mas fique claro que o apenas instruir visa a educação enquanto o amplo ensinar visa a compreensão, a sabedoria de vida. O ensinar é um amplo movimento de vida entre educador e educando.

Ensinar é algo muito difícil e trabalhoso. Há duas maneiras de vincular o conceito de ensino: uma concepção mecanicista, pragmática e imediatista, que visa adestrar, outra, vincula o exercício do ensinar a intenção de promover as condições necessárias para, conforme MORAIS (1986, p.06) “transcendendo o instruir e o adestrar, auxiliar o encontro da inteligência do educando com a vida, o encontro de sua sensibilidade com a pluralidade rica do viver”. É esta a dimensão pedagógica na qual acreditamos e que faz parte do nosso dia-a-dia na sala de aula.

Nas últimas décadas os cientistas sociais começaram a perceber que o conceito “grupo social” merecia mais atenção e passaram a buscar uma definição que melhor o exprimisse, assim mostraram que para haver um grupo social é necessário que as pessoas que o formam tenham uma intencionalidade comum, que haja entre elas comunicação recíproca, ou seja, pelo menos, a probabilidade de comunicação. Assim sendo, percebemos que o trabalho educacional acontece num grupo social. São pessoas que se reúnem com a intenção de buscar o conhecimento e se intercomunicam constantemente pela linguagem, pois a sociabilidade do homem se baseia nela e esta, segundo GADOTTI (1998, p.47) é o elemento fundamental das relações humanas. “Ela está presente em todas as esferas da relação. Torna-se assim, ponto de partida para compreender o encontro e o diálogo”.

Ao observar uma escola encontramos pessoas que interagem dentro dela:

diretor, professores, alunos, funcionários, pais. Continuamente estão sendo elaboradas as relações dentro do espaço escolar e o comportamento das pessoas acontece segundo uma tradição, se não existir o amor e o respeito entre elas surgirá o caos, pois conforme MARQUES (1987, p.12) “quando o amor e o respeito à vida começam a desaparecer nas relações humanas, estamos, sem dúvida, vivendo uma grave crise, não somente social e econômica, mas também de ordem moral”.

Os educadores são os “atores” que vão realizar a transformação da escola, desafiando todos aqueles que não acreditam na mudança para que o grupo social educacional possa adquirir uma melhor qualidade de vida por meio da educação. Só os apaixonados pelos seus ideais são capazes de transformar, primeiramente o grupo social e a seguir, aumentando a abrangência desse grupo vão beneficiar a sociedade com o conhecimento emanado da escola.

Na educação é necessária a paixão, pois como diz MORAIS (1986, p.26) “jamais vi alguma coisa relevante acontecer sem a presença da paixão e do idealismo, nunca vi acontecer o ensinar por expedientes puramente metódicos e cientificistas”. Ensinar é expor-se ao educando e o verdadeiro ensinante precisa aliar a sua competência à preocupação ativa de fazer da jornada escolar, uma experiência positiva e qualificante pois como continua afirmando MORAIS (1986, p.35): “ensinar é algo que nasce em um compromisso de vida, de uma paixão pelo saber e de gosto pelos encontros humanos”.

As marcas do ensinar também podem ser ruins pois, propor-se ao ensino é propor-se a riscos e não raro, os exercícios de autoridade na escola, cedem lugar a práticas de autoritarismo e desrespeito. Muitas escolas apenas reproduzem utilizam-se de atividades e condicionamentos, agindo como aparelho ideológico da burguesia.

O resultado do processo educacional parece implicar não apenas no

conhecimento de conteúdos mas também no conhecimento de métodos e estratégias dialógicas e participativas onde as relações humanas positivas possam fazer emergir a educação libertadora que se contrapõe aos modelos autoritários e castradores.

Para que as gerações futuras possam ter um mundo melhor será necessário vivificar as relações humanas, hoje, respeitando-se os verdadeiros valores conforme afirma MARQUES (1992, p.61) dizendo que:

A questão dos valores constitui-se, na verdade, em eixo temático central das definições políticas. (...) Trata-se mais especificamente, de se construir a vontade política do coletivo dos educadores, sobre como pretender exercer sua cidadania no exercício da profissão e em concerto de vontades com os demais cidadãos acordes num projeto político-pedagógico gestado no amplo debate social de uma racionalidade com muitas vozes.

Como afirma VEIGA (1997, p.14) “a formação de profissionais da educação é um processo e, portanto, não deve ser tomada como algo pronto, acabado, nem construído isoladamente. Assim, pensar a proposta de formação de profissionais da educação é concebê-la no plano de suas relações com a sociedade”, buscando a qualidade das Relações Interpessoais Professor e Aluno, visando a formação do profissional como agente de uma educação prazerosa que farão da prática pedagógica momentos de satisfação acompanhando a evolução de nossa sociedade.

Em SOUZA (1997, p.29) encontramos que :

Ensino Superior diz respeito ao grau de escolaridade que, na hierarquia do Sistema de Ensino, situa-se no topo de todos os demais. É superior porque está acima dos que vêm antes e porque exige, para ser acessado, que o candidato a seus cursos porte os comprovantes de conclusão dos graus de escolaridade que o precedem. (...) o sistema escolar formal se assemelha a uma escada ascendente, cujo degrau mais alto é representado pelo ensino superior.

Conforme este autor houve um período em nossa história educacional, em que muitos alegavam que o termo “superior” não ficava popular, parecia elitismo e por isso, nessa crise de “populismo”, passaram a denominar o Ensino Superior de “Ensino de 3º Grau”. Para clarificar esta expressão denominada por alguns de

“impopular” SOUZA (1997, p.30) explica o significado do termo, referindo-se ao Ensino Superior: “o que o faz superior é a natureza dos seus fins, a cientificidade dos seus métodos e a complexidade dos seus temas”.

Os problemas focalizados no Ensino Superior são aprofundados para se criar novos conhecimentos, usando a pesquisa como importante fonte de novos saberes, o que deve ser partilhado com a comunidade onde a universidade ou faculdade está inserida, oportunizando aos acadêmicos estender a essas comunidades os conhecimentos adquiridos. É ainda o próprio SOUZA (1997, p.30) quem complementa estas idéias afirmando: “O que marca o saber universitário é a complexidade intelectual do pensamento, em que se assentam as suas proposições”.

Numa retrospectiva do Ensino Superior no Brasil, encontramos nos últimos anos da década de 1960, a grande e forte influência da intervenção estatal na política educacional, preocupada com a produtividade. Surge aí a Lei 5.540/68 que promulga a reforma universitária, onde aconteceram profundas mudanças na estrutura e organização do Ensino Superior. Em VEIGA (1997, p.23) encontramos que com a reforma universitária foram criados os departamentos:

A criação do departamento como menor célula da universidade, o que contribuiu para fragmentar entre diversos departamentos (constituídos por áreas afins de conhecimento) e, até quem sabe, entre diferentes centros, os conteúdos específicos e pedagógicos que constituem a preparação do futuro profissional da educação.

Antes, as diversas faculdades, dentro de suas áreas possuíam seus cursos e professores. Com a reforma vem a divisão dentro das faculdades, onde os departamentos não oportunizam uma unidade maior de ensino, cada departamento se preocupa só com seu desempenho, se isolam, tornam-se ilhas. A respeito desta fragmentação, RUY DO ESPÍRITO SANTO (1998, p.33) afirma que:

O individualismo é a grande marca do processo educativo fragmentado. É um mundo dividido em pedaços, onde a solidão e o vazio existencial se fazem presentes ao homem

contemporâneo (...) na educação fragmentada o ser humano aprendeu a viver “isolado” em seu universo egoísta.

De acordo com este autor percebemos que muitos de nós, educadores atuais, fizemos parte desta aprendizagem fragmentada e ainda hoje é difícil mudar nossa forma de pensar; para incentivar nossa mudança, RUY DO ESPÍRITO SANTO (1998, p.34) mostra seu método ao dizer: “venho perseguindo em minha prática educativa a redescoberta dos vínculos afetivos.”

Sob este prisma histórico entendemos que a reforma universitária de 68 foi a responsável em grande parte pelos resquícios que encontramos nas faculdades ainda hoje. VEIGA (1997, p.23) afirma que:

Sofrendo as conseqüências do processo de repressão político-ideológica do todo societário, as práticas acadêmicas, no início dos anos 70 pareciam orientar-se para a concepção tecnicista de educação, amplamente defendida no país. Com o autoritarismo jurídico, político e ideológico, dominante no interior das instituições que compunham a sociedade brasileira da época, outra não era a realidade predominante no meio universitário.

A partir da década de 1980 percebeu-se a urgência de se criar uma nova postura educacional e para isso, de se elaborar um plano político-pedagógico, para que o ensino superior pudesse se engajar na realidade de hoje e assim começa-se o questionamento do perfil do educador, aquele que tem por profissão, educar. É um desafio novo que se apresenta às universidades como afirma VEIGA (1997, p.24) :

Como elemento dificultador desse processo, o enraizamento de uma perspectiva de trabalho isolado fez com que as instituições universitárias adentrassem à década de 1990 sentindo, cada vez mais, a urgência de rever o perfil e a organização curricular de seus cursos de graduação e pós-graduação.

O que nos preocupa nesta pesquisa é, como assinala SILOÉ PRETTO (1978, p.05) “a educação dentro de uma perspectiva profundamente humana, favorecendo não somente o desenvolvimento cognitivo e a formação profissional

como o amadurecimento da pessoa, contribuindo para uma realização tanto pessoal como social, a longo prazo”.

Acreditamos, baseados nos teóricos que pesquisamos, que é necessário um maior conhecimento do acadêmico e dos fatores que atingem o aluno no trato com os professores no período letivo. Assim podemos observar alguns aspectos que devem ser repensados nesta relação.

CUNHA (1995, p.78) afirma que “estamos, até aqui, lidando com formulações no plano dos ideais educacionais; nossas fontes se limitam ao discurso elaborado pelas elites dirigentes do ensino público e nada nos informam quanto ao que se passava no interior das salas de aula”. E é esse interior que pretendemos buscar, não adentrando como intrusos, mas incentivados pelo que se pode observar no dia-a-dia convivendo com alunos. SILOÉ PRETTO (1978, p.05) afirma que “muito pouco tem sido realizado neste sentido, os trabalhos centralizam-se de preferência nos aspectos técnico-pedagógicos e bem menos nos aspectos pessoais e humanos da educação”.

É necessário conhecer melhor o que em nossos professores afeta o aluno no seu período escolar e assim poderemos obter material para rever e repensar a educação universitária nos cursos de licenciatura; mas isto implica em interesse mútuo para que haja mudanças, como afirma BALCÃO (1967, p.309) “as pessoas que devem mudar e aquelas que devem exercer sua influência na mudança precisam ter sentimento intenso de pertencer ao grupo. (...) professor e aluno precisam sentir-se membros de um grupo em assuntos referentes a seu senso de valores”.

### **3.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Parece-nos portanto que o sentimento de grupo é imprescindível para qualquer mudança positiva pois a força do grupo é muito grande e pode influenciar

na mudança de seus membros, bem como, o próprio grupo pode conscientizar-se de sua necessidade de mudança. SILOÉ PRETTO (1967, p.04) também mostra que o professor pode ser o grande incentivador de mudança por sua forte influência sobre o aluno, dizendo que:

O professor é uma pessoa que, pela função que exerce, influenciará grandemente a vida de seus alunos, podendo contribuir consistentemente para seu amadurecimento profissional e o desenvolvimento pessoal, levando-o a descoberta de suas aptidões interesses e capacidades, incentivando-os à própria realização, como indivíduos geradores também de crescimento social.

Entretanto, conforme assinala a mesma SILOÉ PRETTO (1967), para agir assim o professor terá que ser muito humano e considerar seu aluno, também ser humano, com muito respeito, compreendendo suas necessidades de atenção para que ele possa descobrir suas capacidades pessoais e se interessar por auto-realizar-se, sentindo-se satisfeito na busca contínua do conhecimento, descobrindo sua identidade e capacidade para criar e transformar situações, responsabilizando-se por suas escolhas e despertando sua sensibilidade para saber lidar com o outro. RUY DO ESPÍRITO SANTO (1998, p.51) afirma que “na verdade, a recuperação da sensibilidade perdida é tarefa inadiável, hoje, no processo educativo, em qualquer grau ou instância”.

## **REFERÊNCIAS**

01. BALCÃO, Iolanda F. & CORDEIRO, Laerte. **O Comportamento Humano na Empresa**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.
02. CUNHA, Marcus Vinícius da. **A Educação dos Educadores. Da Escola Nova à Escola de Hoje**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
03. ESPÍRITO SANTO, Rui César do. **O Renascimento do Sagrado na Educação**. Campinas, SP.: Papirus, 1998.
04. GADOTTI, Moacir. **Comunicação Docente – Ensaio de Caracterização da Relação Educadora**. S. Paulo, Loyola, 1988.
05. MARQUES, J.B. Azevedo. **Democracia, Violência & Direitos Humanos**. Col. Polêmicas do Nosso Tempo. Nº 02. São Paulo: Cortez, 1987.
06. MORAIS, Régis de. **O que é Ensinar?** São Paulo: EPU, 1986.
07. PIMENTEL, Maria da Glória. **O Professor em Construção**. Campinas, SP: Papirus. 1993.
08. PRETTO, Siloé P. N. **Educação Humanista. Características de Professores e seus Efeitos Sobre os Alunos**. São Paulo: Cortez & Moraes. 1978.
09. SOUZA, Paulo Nathanael P. de. **LDB e Ensino Superior (Estrutura e Funcionamento)**. São Paulo: Pioneira. 1997.
10. VEIGA, Ilma Passos A. (Coord.) **Repensando a Didática**. 7 ed. Campinas, SP: Papirus. 1992.